

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Nossa Senhora Conquistadora e a Conquista Espiritual da América¹

Paulo Rogério Melo de Oliveira*

Os desfechos da trama que envolveu a morte dos padres Roque González e Alonso Rodríguez e Juan Del Castillo, em Candelária, em 1628, não se limitaram aos ataques físicos que destruíram os corpos dos missionários. Símbolos e acessórios que os acompanhavam e os auxiliavam na evangelização foram igualmente atacados e destruídos, com impiedade gentílica, no dizer de um padre. (MONTROYA, 1997: 226) Francisco Vázquez Trujillo e Ruiz de Montoya nos contam que logo após matar os padres, os enviados do pajé Nheçu, movidos por uma raiva infernal, destruíram a imagem de Nossa Senhora Conquistadora, companheira de peregrinações do padre Roque. Vázquez Trujillo, que a época exercia a função de Provincial da Província do Paraguai, informou na carta que enviou a Roma ao padre Geral Mucio Viteleschi em dezembro de 1629, que “los patricidas do santo Padre Roque” atearam fogo na Igreja onde haviam sido jogados os corpos dos padres, mas que

no paro aqui el furor y ódio de aquellos bárbaros contra nuestra santa fe católica, porque manifestando que contra ella era la rabia, a una devotísima imagen de Nuestra Señora hermosísima, hecha del H. Bernardo, que tenía en gran veneración el Padre Diego de Torres y como preseña de tanta estima dejó a estas reducciones, y así podemos decir que ella ha sido la Conquistadora de tantas almas, porque con ella se comenzaban a entablar, la rasgaron con sacrílega impiedad.. (In BLANCO, 1929)

Nas célebres páginas da Conquista Espiritual, destinadas à narrativa *do* martírio dos três religiosos da Companhia de Jesus, padre Montoya também expõe com pesar a destruição da imagem da Virgem:

Sentimos, e foi com dor muito grande, o destroço execrável que cometeram numa imagem da Virgem, prenda querida do santo Padre Roque, a qual havia sido companheira em suas peregrinações e que, colocada nalgum povo, depois de este se achar fundado, ele mesmo conduzia a outro. Assim, e com razão, chamava-a “A Conquistadora”, atribuindo à sua presença os sucessos prósperos de suas empresas. (MONTROYA, 1997: 226)

¹* UNIVALI. Doutorando em história pela UFRGS.

Este texto é uma versão reduzida e recortada de um estudo mais amplo sobre a Virgem Conquistadora e os sentidos da conquista para os jesuítas das reduções do Paraguai.

A descoberta e conquista da América, e os choques e entrelaçamentos culturais que se seguiram, não provocaram profundas transformação apenas entre as culturas americanas. As experiências vividas pelos europeus no Novo Mundo alteraram sensivelmente seu modo de vida. Suas crenças, e os símbolos correspondentes, também sofreram alterações, conferindo novas significações às experiências da conquista. Um exemplo notável foi o que ocorreu com um dos símbolos mais evocativos do catolicismo ibérico: a Virgem Maria. Sua imagem foi tão fortemente associada às conquistas na América que levou o padre Roque González a rebatizá-la de Nossa Senhora Conquistadora. A conquista plasmou novos significados à religião trazida pelos conquistadores, atribuiu funções inéditas à Virgem e ampliou o seu horizonte de devoção. Virgem Maria ambientou-se na América, fundiu-se às crenças locais, metamorfoseou-se, ganhou um rosto indígena e, em vários momentos, suplantou as divindades nativas. O triunfo da Virgem Conquistadora, no entanto, causa uma certa estranheza à sensibilidade contemporânea, para a qual a conquista, em geral, é associada à destruição das culturas indígenas. Por quais razões o símbolo máximo da piedade católica foi associada à conquista das populações indígenas ? Que relações haviam entre o sentido corrente de conquista e a presença da Virgem na América ? O que entendia por conquista o padre Roque quando resolveu homenagear Nossa Senhora ? Começemos pelo anátema que a palavra conquista carrega.

As palavras são signos sociais sensíveis às transformações do mundo. Pela densidade social que as constituem e por serem mediadoras fundamentais das relações humanas, são indicadores privilegiados das mudanças. Por acompanharem e expressarem essas mudanças, que também são mudanças de ordem semântica e da linguagem, não são signos fixos, não carregam significados eternos. As palavras possuem historicidades deslizantes, são socialmente e historicamente situadas.

Algumas palavras, presas a determinadas experiências, carregam uma herança histórica e sociológica tão negativa e definitiva que dificulta o exame dos seus significados no passado. É como se elas mantivessem desde sempre o mesmo sentido, uma certa pureza original, e atravessassem os séculos imunes às transformações do mundo. E este sentido, muitas vezes, é fixado no presente e projetado para outras épocas, desconsiderando os significados diferentes que as palavras poderiam ter assumido no passado.

É isso o que acontece freqüentemente com a palavra conquista, quando utilizada para se referir as primeiras décadas de ocupação européia da América. A palavra é empregada para descrever os processos turbulentos de tomada das terras dos indígenas, a ocupação territorial, os massacres, extermínios, enfim, a ação militar traumática que antecedeu a

colonização das novas terras. Não há dúvidas de que a palavra conquista traduz com precisão isso tudo. Mas também parece não haver dúvidas de que ela possuía um significado mais amplo, envolvendo também a ação militar, mas não se limitando a ela. Paralelo às conquistas militares, e inseparável delas, desdobrou-se uma outra conquista, a das almas. Denominada de conquista espiritual, e empreendida por padres e missionários de diferentes ordens religiosas, teria sido responsável pela destruição das religiões das populações indígenas e lhes imposto o catolicismo, com o apoio das armas. O dilema “entre a cruz e espada” define bem o consórcio das duas conquistas.

Evidentemente não se trata de negar nem minimizar a violência e os efeitos devastadores da conquista sobre as populações americanas. O esforço aqui é no sentido de tentar restituir à palavra os significados que o século XV, XVI e XVII, ou os sujeitos envolvidos na conquista da América, atribuíam a ela. Isto não tem absolutamente nada a ver com justificar a conquista a partir da moral vigente naqueles tempos. Sabemos que certas palavras, tão poderosas num determinado contexto, perdem a força e o significado quando isoladas e extraídas da rede social que a constituía. E perder de vista a significação de uma palavra é perder a própria palavra, pois “o que faz da palavra uma palavra é sua significação.” (BAKHTIN, 1999: 49)

A palavra conquista evoca hoje, não sem razão, todas as atrocidades, injustiças e desmandos cometidos pelos espanhóis na América. Essa talvez tenha sido a mais profunda herança lasciviana da conquista, a de um paraíso destruído pela ganância desmedida e brutal dos espanhóis. A posteridade reteve, em linhas gerais, essa imagem daqueles tempos. Mas como todo tema polêmico implica luzes e sombras, a conquista da América polarizou o debate desde o século XVI até os nossos dias. De um lado, a exaltação heróica da conquista, de outro, o anátema aos criminosos. (LAFAYE, 1970: 9)

Nos séculos XV, XVI e XVII a idéia de uma conquista imposta pelas armas, em busca de riquezas, era inseparável de um significado religioso característico daquele momento. Considerar a conquista como uma variante puramente econômica, a insaciável busca pelo ouro, e esquecer a devoção religiosa dos conquistadores, é cair num reducionismo caricatural. Rubén Vargas Ugarte, num estudo sobre o culto à Virgem na Ibero-América, já havia sublinhado, não sem algum desconforto, que:

aunque es forzoso reconocer que muchos de los conquistadores españoles no estuvieron exentos de graves defectos, es incontestable que casi todos eran hombres de arraigada fe y además fervientes devotos de la Virgen María. (UGARTE, 1956 : 164)

A ambígua e explosiva combinação da devoção religiosa com a devoção pelo ouro e a truculência militar, foi a marca registrada dos conquistadores e o fomento indispensável às suas vitórias. É nesta trama de interesses e devoções que se foi moldando uma semântica da conquista. O que o nosso tempo definiu como condenável e moralmente inaceitável, parecia ser desejável e moralmente justificável naqueles tempos. No ambiente ambíguo da conquista foi possível, por exemplo, associar as vitórias militares e religiosas à imagem da Virgem Maria. Uma leitura atenta da documentação, voltada para o apelo religioso que envolveu a conquista da América, mostra a indissolubilidade entre o empreendimento colonial e os símbolos religiosos, especialmente a imagem de Nossa Senhora. A conquista revestiu-se de simbologia religiosa - composta de cruces, pinturas, relíquias, orações, rosários, evocações, missas, celebrações das datas santas - reveladora da fé e devoção daqueles homens. A cada passo, a cada gesto seguia-se um jogo ritual de advocações e evocações a Deus, a Cristo, a Virgem ou o Santo de devoção, rogando proteção ou agradecendo a graça da vitória.

Na tradição cristã católica, e especialmente na espanhola e jesuítica, a imagem da Virgem foi presença constante ao lado dos missionários e conquistadores nas campanhas como escudo protetor e estandarte da fé dos conquistadores. Foi assim na reconquista com a Virgem de Covadonga, na conquista do México com a Nossa Senhora dos Remédios e a Nossa Senhora de Loreto na conquista jesuítica do noroeste da nova Espanha.

Virgem Maria se fez presente na América desde o princípio. Desembarcou triunfal junto com os primeiros descobridores e conquistadores. Hernán Cortez, que era devoto de Nossa Senhora, era um homem atento aos signos, não descuidava das coisas da fé e não perdia oportunidade de entronizar os símbolos da cristandade em cada palmo de terra conquistada.

Na ilha de Cozumel, rebatizada de *Santa Cruz*, Cortez *informou o melhor que sabia sobre a fé católica* e “convenceu” os nativos Maias a abandonarem seu *ídolos* e deixou no lugar *uma cruz de madeira e uma imagem da Virgem Maria*. Na capital Asteca, seguindo o mesmo impulso iconoclasta, entrou no templo principal, que chamou de *mesquita*, e protagonizou uma cena surpreendente:

Ali dentro é que ficam seus ídolos. Os principais destes ídolos e nos quais eles tinham mais fé eu derrubei de seus assentos e os fiz descer escada abaixo. Fiz também com que limpassem aquelas capelas, pois estavam cheias de sangue dos sacrifícios que faziam. Em lugar dos ídolos mandei colocar imagens de Nossa Senhora e de outros santos. (CORTEZ, 1996: 64)

De Colombo a Cortez, e depois entre os missionários, a imagem da Virgem pontuou os momentos mais decisivos e significativos das conquistas espanholas, tornando-se a legítima padroeira da conquista.

Este apelo às imagens, e em especial à Nossa Senhora, cresceu em proporções na Europa da contra-reforma. Acuados pelo avanço protestante, os católicos apegaram-se fortemente aos seus símbolos. Os jesuítas, que compunham uma espécie de milícia papal, assumiram um papel decisivo de defesa da cidadela cristã.

As imagens da Virgem acompanham os jesuítas desde a fundação da ordem. A conversão de Inácio de Loyola teve uma participação decisiva da imagem da Nossa Senhora Negra. A caminho do castelo de Loyola, Inácio passou pelo monastério beneditino de Montserrat, onde ficou uma noite de vigília diante da estátua de Nossa Senhora. Decidiu então abandonar a espada e a adaga pelo bastão de peregrino e roupas de mendigo. (O'MALLEY, 2004: 47)

Depois de consolidada, a Companhia de Jesus lançou seus missionários na vinha de Cristo. Espalhados pelo mundo, os jesuítas levavam o evangelho às terras mais distantes, e usavam os símbolos do catolicismo para auxiliar na conversão dos povos pagãos. Na América, ao adentrar em territórios desconhecidos para conquistar almas para o projeto cristão jesuítico, alguns padres costumavam levar na bagagem, além dos assessórios de viagem, objetos utilizados na evangelização e relíquias sagradas de santos para abençoar a atividade missionária. Outros carregavam imagens da Virgem de sua devoção e colocavam os povoados recém fundados sob sua proteção, batizando muitas vezes o novo povoado com o nome da santa.

Um caso conhecido de devoção Mariana foi o do padre Antonio Sepp. Devoto fiel de Nossa Senhora de Alt-Oettingen, não se cansa de relatar os benefícios que recebeu. A santa foi “companheira inseparável” desde sua partida da Europa até a Província do Paraguai, ou, nas próprias palavras de Sepp, “da fecundíssima Baviera (...) até estes confins do Paraguai. A Virgem misericordiosa, declarava o jesuíta, me conduziu incólume ao Paraguai, por tantos perigos em mares e rios e terras.”

Mas o caso mais conhecido é o de Roque Gonzalez, que levava consigo nas suas andanças missionárias uma imagem de Nossa Senhora da Conceição. Ruiz de Montoya, ao comentar a morte do padre Roque a mando de Nheçu, diz que uma:

imagem da Virgem havia sido companheira em suas peregrinações e que, colocada nalgum povo, depois de esse se achar fundado, ele mesmo conduzia a outro. Assim, e com razão, chamava-a “a Conquistadora”, atribuindo à sua presença os sucessos prósperos de suas empresas. (SEPP, 1980: 85)

Nossa Senhora da Conceição, a exemplo do que ocorreu com Nossa Senhora de Loreto no México, também foi chamada de Conquistadora. Essa metamorfose da Nossa Senhora nas florestas paraguaias ocorreu em 1614, quando o padre provincial Diego Torres em visita a redução de Santo Inácio Guaçu presenteou o padre Roque com um quadro da Virgem, representando a Imaculada Conceição. A imagem foi recebida com grande regozijo e carregada à redução por quatro caciques. Dois *morubixabas* que acompanhavam à distância a entrada da Virgem na redução é que pareciam não estar muito tocados pela situação. Convidados a se catequizarem, recusaram e desapareceram na selva. No dia seguinte, os dois chefes retornaram a Santo Inácio, acompanhados de outro cacique, e se dispuseram a aceitar a catequização e tornar-se cristãos. Entusiasmado pela presença prodigiosa da Virgem, e por ter conquistado o duro coração dos caciques, padre Roque passou a chamá-la de Conquistadora. Daí para frente, até a sua morte em 1628, padre Roque passou a levar sempre consigo a imagem a todas as novas reduções, atribuindo a ela o sucesso das campanhas missionárias. (KRETUZ, 2001: 28)

Do México ao Paraguai colonial observamos uma ressignificação da Virgem no contexto de conquista e colonização do Novo Mundo, a partir dos interesses e necessidades dos diferentes agentes coloniais. Com o título de Conquistadora, deposita-se sob o seu manto o sentido da conquista.

Se Nossa Senhora, que na tradição cristã ocidental representa a figura materna bondosa e humilde, foi identificada com as conquistas militares e religiosas, é porque a concepção de conquista tinha naquele momento um sentido distinto daquele retido e consagrado pela posteridade. Do ponto de vista das conquistas militares, a Virgem era evocada como protetora nas batalhas, e as vitórias, sob suas graças, representavam a expansão da fé. Nas conquistas religiosas, além de proteger dos perigos que cercavam a evangelização, a imagem da Nossa Senhora derramava bênçãos, operando milagres e promovendo curas, e era utilizada como instrumento pedagógico de catequização. Nos dois casos, a Virgem foi o baluarte da conquista, o suporte simbólico de um projeto de dominação e outro de salvação, e de todas as ambigüidades e máscaras que eles carregam.

Conquistar, no léxico jesuítico, equivale a salvar. E salvar, na visão missionária, é trazer para Deus, reintegrar a cristandade o que estava perdido, esquecido. Os indígenas, como o continente que os abrigava, foram apartados da cristandade. A conquista cumpriria então a dupla função de reintegrar os povos e o continente perdidos aos domínios cristãos. Segundo o padre Diego de Torres, na carta anua de 1609, “estos yndios como todos sus antepasados poco antes andavan como fieras em esses montes com las armas em las manos

matando y destroçando sin conocimiento de Dios.” (In LEONHARDT, 1927: 164) O mesmo padre Diego de Torres, referindo-se à Missão entre os Guaicurus, chama a atenção para a necessidade de “conquistar esta gente tan ynculta, que por tantos anos vive na gentilidade.” Desde que Deus os criou, continua Torres, não há quem os ensine as coisas da “Sancta Religion, si no que tudo há sido andar com las armas em las manos siendo mas que tigueres, y leones.” (In LEONHARDT, 1927: 155).

Vivendo nas *selvas incultas*, nômades e ignorantes das coisas da fé e da civilização, e entregues a toda sorte de vícios, os *pobres indios* eram presas fáceis do demônio. A conquista convertia-se num resgate desta situação de barbárie, resgate do ermo bestial da selva e dos caprichos do demônio. Narrando a entrada dos jesuítas no Guairá, Montoya conta que em *seus discursos* dirigidos *aos gentios*, os padres “deram a razão de sua vinda, que era a de faze-los filhos de Deus e liberta-los da escravidão do demônio.” (MONTROYA, 1997: 39) Conquista espiritual então é a expansão da cristandade sob os domínios da gentilidade, é uma batalha, sob a bandeira da Virgem, contra as hostes do demônio.

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BLANCO, José Maria. **História documentada de la vida y gloriosa muerte de los padres Roque González de Santa Cruz, Alonso Rodríguez y Juan Del Castillo de la Compañia de Jesús Mártires del Caaró e Yjuhí**. Buenos Aires: Sebastián de Amorrortu, 1929.
- CORTEZ, Hernan. **A conquista do México**. Porto Alegre: L&PM, 1996.
- LAFAYE, Jacques. **Los conquistadores**. México: Siglo XXI editores, S.A. 1970.
- LEONHARDT, P. Carlos. **Documentos para a historia Argentina**. Tomo XIX. Iglesia. Cartas Ânuas de la Provincia dela Paraguay, Chile e Tucumán, de la Compañia de Jesus (1609-1614). Buenos Aires: Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, 1927.
- KREUTZ, Estanislau. **Santos Mártires das Missões**. Santo Ângelo: 2001.
- MONTROYA, Ruiz de. **A conquista espiritual**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- O’MALLEY, John W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: Editora da UNISSINOS; Bauru: EDUSC, 2004.
- SEPP, Antonio. **Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

UGARTE, Rubén Vargas. **Historia del culto de Maria en Iberoamérica y de sus imágenes y santuarios más celebrados.** Madrid: 1956.